

Bom Jesus precisa de recursos para navegar

Pablo Reis

Faltando um mês para a Festa da Boa Viagem, os membros da devoção que cuida do ritual que abre o ano nas águas da Baía de Todos os Santos torcem para que o Senhor Bom Jesus dos Navegantes toque no coração das autoridades que têm o poder de decidir sobre a festa centenária. Os devotos temem que a falta de repasse de recursos por parte dos órgãos gestores do turismo prejudique a realização da liturgia, com o transporte da imagem do Cristo Crucificado em idas e vindas marítimas entre as igrejas da Boa Viagem e da Conceição da Praia.

"Nós encaminhamos para a Bahiatursa a solicitação de ajuda, mas já tomamos conhecimento que o financiamento de outras festas foi negado", alerta o presidente da Devoção a Bom Jesus dos Navegantes, Renato Delfino, eleito em abril para o cargo. A verba necessária é de R\$30 mil, que será empregada na compra de luminárias novas, toalhas, cortinas e aluguel do serviço de sonorização. "Sem essa ajuda, a procissão não deixa de acontecer, mas perde muito do brilhantismo", pondera Delfino.

Todo ano, os dois andores utilizados para os santos sofrem com a ansiedade do povo, que tira algum pedaço para guardar como recordação. Eles também precisam de uma reforma. Durante o ano, algumas festas são feitas para arrecadar fundos para a devoção, mas o valor em caixa normalmente não chega a 20% do necessário para a realização do evento. O suficiente apenas para providenciar a renovação da pintura da Galeota Gratidão do Povo, um acontecimento à parte, que normalmente começa a ser feito de forma minuciosa no início de dezembro. "Estamos cuidando de algumas providências, mas trabalhando com a expectativa de orçamento reduzido", avalia o ex-presidente e membro da devoção Expedito Sacramento.

Atrasos - Mesmo que ocorra a liberação da verba, os or-



Centenas de embarcações participam da procissão que conduz a imagem do Bom Jesus dos Navegantes na Baía de Todos os Santos

ganizadores reclamam do atraso no repasse. Na última edição da festa da Boa Viagem, o dinheiro prometido para as comemorações só foi repassado no mês de março, provocando um atraso de mais de 90 dias no pagamento aos fornecedores.

O descaso oficial com uma das mais significativas manifestações de veneração religiosa do povo baiano seria um melancólico epílogo para a festividade profana, que já agoniza em edições sucessivas: a participação popular escassa em comparação com as décadas passadas no Largo da Boa Viagem virou reflexo de uma decadência generalizada do caráter espontâneo que sempre marcou as festas de largo.

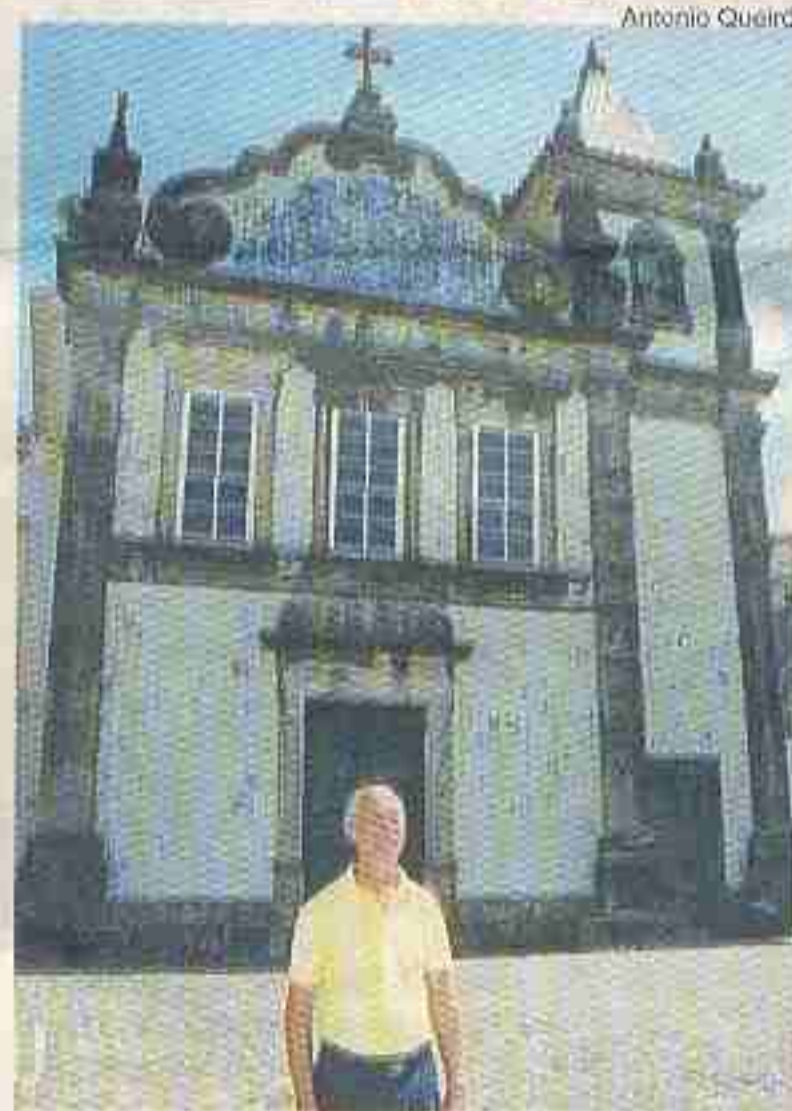
"Numa festa de largo, os eventos decorridos na praça e

no templo pertencem a um mesmo conjunto de sucessos, a uma contraditória unidade ritual", explica o antropólogo Ordep Serra, no livro *Rumores da Festa - o sagrado e o profano na Bahia*. "Os comportamentos adotados no templo e no largo são muito nitidamente simétricos, em diversos aspectos", garante o estudioso, para depois assinalar semelhanças entre os devotos na igreja e os foliões na praça, que cumprem ritos simbólicos bem definidos.

É um balé de simbolismos o que se testemunha no último dia do ano que passa e no primeiro dia do ano que nasce. A imagem do Senhor dos Navegantes é levada da Igreja da Boa Viagem e adormece na Basílica da Conceição da Praia. No dia seguinte, Nossa Senhora e

o filho protetor dos navegantes são colocados frente a frente em uma despedida que emociona e embarga a voz dos fiéis. Na Galeota Gratidão do Povo, o Cristo Crucificado dá um passeio pela Baía de Todos os Santos até o Farol da Barra. Depois, retorna para o seu destino original, onde é recebido por Nossa Senhora da Boa Viagem ainda na areia da praia. É o momento ímpar de aplausos, orações e reverências, geralmente sob um sol implacável.

Expedito Sacramento, ex-presidente e membro da Devoção a Bom Jesus dos Navegantes: "Estamos trabalhando com a expectativa de orçamento reduzido"



Antonio Queiroz

Incidente e mobilização popular

A primeira procissão marítima cultuando o Senhor Bom Jesus dos Navegantes após a proclamação da República estava marcada pelo signo do infortúnio. No dia 1º de janeiro de 1890, como se realizava nas edições anteriores, os 21 tiros de festim dos canhões do Forte de São Marcelo, alardeios sonoros para a passagem da imagem do Crucificado, foram trocados por dois projéteis da artilharia que por pouco não provocavam uma tragédia.

Os bólidos passaram sobre as embarcações apinhadas de gente e um deles quase atingiu em cheio um navio norueguês, atracado no porto. O incidente naquele ano se transformou em um desenrolar de contratempos que culminaram com o total rompimento da Marinha com o culto. Até então, a procis-

são era bancada pelo Estado, que cedia uma galeota oficial e toda a estrutura de marinheiros para cuidar da segurança e da organização das embarcações.

Com a República, o poder público e a Igreja ficaram dissociados e, para o ano seguinte, o arsenal da Marinha negou a liberação da galeota. Para salvar a procissão, o comerciante Agostinho Dias Lima cedeu um escalor, que foi rebocado no percurso por uma lancha portuária usada no atendimento médico. O ritual foi mantido em caráter de emergência, preservando uma tradição e mobilizando a população. No mesmo janeiro de 1891, o povo já estava mobilizado para a construção de um barco que não oscilasse na maré das Forças Armadas e apenas estivesse a serviço da fé.

A demanda por um novo barco atraiu carpinteiros, capatazes e calafates, todos voluntários pela causa religiosa. Os devotos do Senhor dos Navegantes queriam dar uma contribuição ao trabalho no estaleiro localizado na Ribeira. Guiados por uma inspiração que parecia divina, colocavam as mãos no desejo de autonomia para a procissão. O carpinteiro Manoel Dias trabalhou de graça na modelagem da galeota que não possui motor e é puxada por rebocador e impulsionada pelas remadas de 12 homens. No dia 27 de dezembro de 1891, benzida pelo Cônego Ludgero dos Humildes Pacheco, a galeota foi levada sobre a carreta, do estaleiro até a praia e lançada ao mar às 16h. Surgiu, assim, um novo veículo da devoção, justamente batizado como Gratidão do Povo.

Tradição remonta ao século XVIII

A tradição de uma procissão marítima saudando o Senhor Bom Jesus dos Navegantes no primeiro dia do ano não tem um registro preciso de início. A versão mais difundida é de que se trata de uma herança dos capitães de navios que chegam na costa brasileira vindos da África, ainda no século XVIII. Desde as primeiras mobilizações em Salvador, a

procissão oficial tinha o apoio do governo e da Marinha, que cedia a Galeota Imperial para o transporte da imagem.

Mas se a manifestação perdeu a exatidão das origens na falta de documentação, o templo da devoção está devidamente registrado. A Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem começou a surgir em 19 de novembro de 1710,

quando Lourença Maria, proprietária de extensa faixa de terra em Itapagipe, doou uma fazenda aos franciscanos da Bahia. A única exigência era a celebração de cinco missas anuais, três para ela e duas para a filha, Ana Pereira de Negreiros. A igreja foi construída, então, em estilo barroco, implantada afinal em 1712.

Paulo M. Azevedo

SINCRETISMO É...

"Acho que o catolicismo e o candomblé mostram o que é sincretismo. As divindades são as mesmas, só que têm nomes e histórias diferentes, mas no fim das contas atendem as mesmas causas. É só a maneira de ver as coisas que é diferente. Sincretismo é isso: união, ainda que de indivíduos que pensam diferente".



ALEXANDRA DE JESUS, 27 anos, operadora de telemarketing